

Ejes temáticos: Filosofía política de la educación o perspectiva filosófica de las políticas educativas.

A experiência democrática: uma proposta de Paulo Freire para práxis educacional

Elaine de Souza Ferreira

(UEL) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina-Paraná-Brasil.
profelaine2016@gmail.com

Leoni Maria Padilha Henning

(UEL/ALFE) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina-Paraná-Brasil
leoni.henning@yahoo.com

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo compreender as razões de nossa “inexperiência democrática” e as ferramentas necessárias para se operar a mudança que possibilite alcançarmos uma autêntica experiência democrática que se inicie na práxis pedagógica. Para Freire (2003) é fundamental refletir sobre a “inexperiência democrática” que se apresenta como um problema histórico social, ou seja, da própria estrutura opressora na qual se desenvolveu a história de nosso país. Um estudo dessa natureza contribui fornecendo não só as bases teóricas para refletirmos sobre nossa realidade, mas também as ferramentas para operarmos a mudança de construção coletiva de uma sociedade realmente democrática. Enquanto educadores precisamos estar conscientes do nosso papel de agentes construtores de uma sociedade democrática. Este trabalho se justifica na medida em que se propõe a aproximar educadores e educandos deste importante debate iniciado pelo autor para o qual nós também somos convidados. Ao escolhermos o tema desta pesquisa não tivemos outro objetivo senão o de retomar um assunto de importância cada vez maior na problemática nacional, sobretudo em tempos de pós-verdade, polarização política, ameaças constantes a direitos constitucionais há tempos conquistados, descaso pela educação, intolerância, autoritarismo, fascismo, racismo institucional e estrutural. Diante desse trágico cenário, observamos que a experiência democrática do nosso povo, que ainda se encontra em processo de transição, estando em sua adolescência, corre um sério risco de se extinguir. Assim, cabe indagarmos, por que uma educação crítica, problematizadora e orgânica que se faz com base na experiência democrática, pode possibilitar ao homem não só conhecer o seu contexto, mas, sobretudo interferir nele? Se pensarmos no cenário em que se desenvolve a educação brasileira atualmente, não seria arriscado demais uma educação plenamente humanizadora para todos (uma educação para o povo), como uma espécie de ferramenta afiada para a transformação social? Este é o perigo a que se refere Paulo Freire em sua época quando chama a atenção para a necessidade de uma educação orgânica sobre a atualidade brasileira, e que na atualidade continua representando um risco iminente. Paulo Freire chama a atenção para a necessidade da construção de uma educação orgânica que possa privilegiar a democracia como modo de vida. O pleno desenvolvimento de uma prática

educativa requer o aumento do grau de consciência do ser humano, por isso, este trabalho tem como desafio nos ajudar a problematizar a realidade brasileira através da reflexão filosófica. Tem o objetivo de, através da reflexão sobre a educação, contribuir com a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática. Para realizar esses intentos, no desenvolvimento desta pesquisa, adotamos procedimentos que envolvem basicamente a pesquisa bibliográfica e documental para construção do referencial teórico e metodológico da educação filosófica no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Experiência democrática. *Práxis* educacional. Paulo Freire.

Resumen:

Este artículo pretende comprender las razones de nuestra “inexperiencia democrática” y las herramientas necesarias para operar el cambio que posibilite alcanzar una auténtica experiencia democrática que se inicia en la praxis pedagógica. Para Freire (2003), es fundamental reflexionar sobre la “inexperiencia democrática” que se presenta como un problema histórico social, es decir, de la propia estructura opresora en que se desarrolló la historia de nuestro país. Un estudio de esta naturaleza contribuye aportando no sólo las bases teóricas para reflexionar sobre nuestra realidad, sino también las herramientas para operar el cambio en la construcción colectiva de una sociedad verdaderamente democrática. Como educadores, debemos ser conscientes de nuestro papel como agentes constructores de una sociedad democrática. Este trabajo se justifica en la medida en que se propone acercar a educadores y estudiantes a este importante debate iniciado por el autor al que también estamos invitados. Cuando elegimos el tema de esta investigación, no teníamos otro objetivo que retomar un tema de creciente trascendencia en la problemática nacional, especialmente en tiempos de posverdad, polarización política, amenazas constantes a derechos constitucionales largamente conquistados, desamparo por la educación, intolerancia, autoritarismo, fascismo, racismo institucional y estructural. Ante este trágico escenario, observamos que la experiencia democrática de nuestro pueblo, que aún se encuentra en proceso de transición, estando en su adolescencia, corre un serio riesgo de extinguirse. Así, cabe preguntarse, ¿por qué una educación crítica, problematizadora y orgánica que se funda en la experiencia democrática, puede posibilitar que el hombre no sólo conozca su contexto, sino sobre todo inmiscuirse en él? Si pensamos en el escenario en el que se desarrolla actualmente la educación brasileña, ¿no sería demasiado arriesgada una educación para todos plenamente humanizadora (una educación para el pueblo), como una especie de herramienta afilada para la transformación social? Este es el peligro al que se refiere Paulo Freire en su tiempo cuando llama la atención sobre la necesidad de una educación orgánica sobre el presente brasileño, y que hoy sigue representando un riesgo inminente. Paulo Freire llama la atención sobre la necesidad de construir una educación orgánica que pueda privilegiar la democracia como forma de vida. El pleno desarrollo de una práctica educativa requiere un aumento en el nivel de conciencia humana, por lo que este trabajo tiene el desafío de ayudarnos a problematizar la realidad brasileña a través de la reflexión filosófica. Su objetivo es, a través de la reflexión sobre la educación, contribuir a la construcción

de una sociedad verdaderamente democrática. Para llevar a cabo estos propósitos, en el desarrollo de esta investigación, adoptamos procedimientos que involucran básicamente la investigación bibliográfica y documental para construir el marco teórico y metodológico de la educación filosófica en el contexto brasileño.

Palabras clave: Experiencia democrática. praxis educativa. Paulo Freire.

Abstract:

This article aims to understand the reasons for our “democratic inexperience” and the tools necessary to operate the change that makes it possible to achieve an authentic democratic experience that begins in pedagogical praxis. For Freire (2003) it is essential to reflect on the “democratic inexperience” that presents itself as a social historical problem, that is, of the very oppressive structure in which the history of our country developed. A study of this nature contributes by providing not only the theoretical basis for reflecting on our reality, but also the tools to operate the change in the collective construction of a truly democratic society. As educators, we need to be aware of our role as building agents of a democratic society. This work is justified insofar as it proposes to bring educators and students closer to this important debate initiated by the author to which we are also invited. When we chose the theme of this research, we had no other objective than to return to an issue of increasing importance in the national problem, especially in times of post-truth, political polarization, constant threats to constitutional rights long conquered, neglect for education, intolerance, authoritarianism, fascism, institutional and structural racism. Faced with this tragic scenario, we observe that the democratic experience of our people, which is still in the process of transition, being in its adolescence, runs a serious risk of becoming extinct. Thus, it is worth asking, why a critical, problematizing and organic education that is based on democratic experience, can it make it possible for man not only to know his context, but above all to interfere in it? If we think about the scenario in which Brazilian education is currently developing, wouldn't a fully humanizing education for all (an education for the people) be too risky, as a kind of sharp tool for social transformation? This is the danger that Paulo Freire refers to in his time when he draws attention to the need for an organic education about the Brazilian present, and which today continues to represent an imminent risk. Paulo Freire draws attention to the need to build an organic education that can privilege democracy as a way of life. The full development of an educational practice requires an increase in the level of human consciousness, so this work has the challenge of helping us to problematize the Brazilian reality through philosophical reflection. Its objective is, through reflection on education, to contribute to the construction of a truly democratic society. In order to carry out these purposes, in the development of this research, we adopted procedures that basically involve bibliographic and documental research to build the theoretical and methodological framework of philosophical education in the Brazilian context.

Keywords: Democratic experience. Educational praxis. Paulo Freire.

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo compreender as razões de nossa inexperiência democrática e quais as ferramentas educacionais necessárias para que o educador possa construir práticas que possibilitem aos alunos experienciar uma autêntica democracia. A “inexperiência democrática” nos remete a uma importante categoria de discussão proposta por Paulo Freire, especialmente, em sua obra *Educação e Atualidade Brasileira*, pois levanta uma questão inquietante, não somente para o seu tempo, mas infelizmente também para o nosso: o porquê de não ter vingado ainda o espírito democrático no homem brasileiro. Através desta questão o autor toca em uma ferida sensível da realidade brasileira, que continua aberta ainda em nosso tempo – daí a atualidade do tema também para nós. Um tema, como ele próprio diz no início do livro, “não só complexo, mas, até certo ponto, perigoso, precisamente pela atualidade” (FREIRE, 2003, p. 9).

Uma análise da conjuntura política e social da nossa realidade nos possibilita compreender que existem forças antagônicas que, cada uma a seu modo, se utilizam do processo educacional, seja para manter ou mesmo romper com um modelo de sociedade. Ora prevalecem forças estabilizadoras, conservadoras e reacionárias ora prevalecem forças que promovem a mudança. Pode às vezes preservar determinadas formas de cultura, em outras, interferir no processo histórico, instrumentalmente.

Nesse trágico cenário, observamos parte considerável da população atrair-se por formulações políticas anti-democráticas indo à defesa do fascismo, do autoritarismo e até da ditadura. Assim, perguntamos: o que houve com a nossa democracia? Estaria em total descrédito entre nós? Estaria ocorrendo um total mal entendido conceitual? Um autor como Paulo Freire poderia nos ajudar a clarificar a ideia de democracia e suas reais possibilidades mais humanas e igualitárias?

O autor parece dizer que se queremos, se almejamos a sociedade democrática, então não podemos ficar apenas a exigir do outro, a esperar passivamente que ele (o governante ou o cidadão comum) a construa “para mim”. Se estamos incomodados com o patriarcalismo, o autoritarismo, o mandonismo, o coronelismo, o fascismo, o machismo, a homofobia, a misoginia e todos os outros comportamentos inautênticos que marcaram e marcam nossa

sociedade, devemos denunciar. Mas Freire parece advertir que, é preciso que nos incomodemos com o “simples incômodo”, com a “simples indignação”.

A experiência democrática da minha família começa com a minha experiência democrática. A experiência democrática, a autonomia e a emancipação dos meus alunos começam com a minha autonomia, com minha emancipação, começa com o cumprimento daqueles deveres a que o autor se refere em *Pedagogia da autonomia*.

Um trabalho assim organizado demonstra que o estudo orgânico da atualidade brasileira, revela a triste realidade de nossa inexperiência democrática, de uma sociedade em transição, que corre o risco iminente de não cumprir sua trajetória. Esse estudo pretende mostrar não somente as razões desta inexperiência, mas também o modo como poderíamos nos organizar no sentido de fazer uma verdadeira experiência democrática em nosso país cumprindo esta trajetória. Freire procura ressaltar a importância dos atos educativos para concretização desse ideal, pois em sua quase totalidade perpassam sobre nossas reflexões, ações e *práxis*.

Sabendo que o pleno desenvolvimento de uma prática educativa requer aumento do grau de consciência do ser humano, este trabalho tem como desafio nos ajudar a problematizar a realidade brasileira através da reflexão filosófica com objetivo de podermos construir uma sociedade verdadeiramente democrática.

A pesquisa da qual resultou este trabalho está ancorada nas seguintes obras de Paulo Freire: *Educação e atualidade brasileira*, *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da autonomia* e alguns comentadores. É importante destacar que todo o conjunto de sua obra é muito mais do que escrita, conhecimento, produção teórica, pois se constitui numa atitude, denúncia, manifesto, grito, gesto, expressão de uma *práxis* que escancara a realidade da educação brasileira e que deseja, através dela, alcançar uma educação humanizadora.

1. Experiência/Inexperiência democrática em Freire

Na obra *Educação e atualidade brasileira*, Freire analisou a formação da sociedade brasileira, constatando que ao longo da história era evidente nossa inexperiência democrática e que poucas vezes a sociedade se mobilizou para ações de transformação e formação do país enquanto nação. Infelizmente o que se percebe ao refletirmos sobre nossa história é que muitas

vezes assistimos as transformações ocorridas no país como mero espectadores e, como resultado não vivemos muitas experiências democráticas ao longo de nossa história.

Freire procurava defender em sua obra uma educação que possibilitasse ao homem discutir corajosamente sua problemática, ou seja, de sua inserção nesta problemática, colocando-o em diálogo constante com o outro, além de o predispor a constantes revisões. Parece-nos, dessa maneira que, das mais enfáticas preocupações de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, seria de oferecer aos educandos instrumentos com que pudesse resistir aos poderes de “desenraizamento” de que a civilização industrial, a que nos filiamos, estava amplamente armada (FREIRE, 2003, p. 38).

Ainda o educador destaca que essa civilização industrial estar armada significa que estava sobretudo de meios com os quais vinha crescentemente ampliando as condições de existência do homem. No entanto, fundamental destacar os fatores de massificação do homem, resistência à distorção de sua consciência ingênua, assim como de formas perigosamente incompreendidas de sua existência e consciência, a que chamamos de intransitiva.

O que caracterizou nossa história desde o início foi a colonização de poder exacerbado nas mãos de alguns, o que levava a submissão. O homem acabava sendo esmagado pelo poder dos senhores de terras, dos governadores gerais, dos capitães gerais, dos vices reis, do capitão mor. Quase nunca, interferindo na constituição e na organização da vida comum, perdido no meio de terras imensas, dificultando o desenvolvimento das aglomerações urbanas. Aglomerações urbanas em que teria exercitado, se fossem florescer desde o início de nossa colonização sob impulso da vontade popular com as diferentes posições. Posições democráticas de que teriam nascido e se desenvolvido outras disposições mentais ou estados de espírito e não os que se consubstanciaram e que nos marcam ainda hoje. Estados de espírito ou atitudes que revelam constantemente nossa “inexperiência democrática” (FREIRE, 2003, p. 70).

É importante destacar que existem possíveis manifestações que contribuíram e insistem em se perpetuar frente nossa “inexperiência democrática”, como: o centralismo, que consiste em decisões tomadas a partir de um poder central, desconectado com o desejo da maioria; verbalismo, associado a discurso vazio, figurativo e desconectados das ações esperadas; antidialogação, conhecido como monólogo, não havendo diálogo, desconsiderando-se a possibilidade de interação com o outro; autoritarismo, que impossibilita a reação e criação, impondo o silêncio e obediência cega e assistencialização, na qual evidencia-se através de

métodos paliativos que visam diminuir os problemas, sem de fato buscar formas de solucioná-los, dessa forma domesticando o homem.

Continuávamos, assim, a alimentar a nossa “inexperiência democrática” e dela nos alimentarmos, seja através das imposições, descobrimento de nossas realidades e da superposição a elas de modos de ser tiranos em grande parte de sua índole. Freire (2003, p. 74) acredita que seria sobre esta vasta inexperiência democrática caracterizada por uma mentalidade feudal, alimentando-se de uma estrutura econômica e social inteiramente colonial, que inauguraríamos a grande tentativa de um estado democrático.

Segundo Brandão (2017, p. 24-25), nosso país viveu anos de um efêmero processo de democratização, entre o regime do Estado Novo e os governos militares instaurados a partir de 1964. Foram anos que nos possibilitou assistir a alguns projetos de industrialização, modernização e desenvolvimento socioeconômico, entre eles a promessa de “50 anos em 5” e a ilusão do “milagre brasileiro”. Em meados dos anos 50, alguns indicadores de modernização do Brasil aparentavam ser muito evidentes e convincentes. Porém, representavam muito pouco uma efetiva mudança no quadro geral das desigualdades, das exclusões, da subserviência popular e, em síntese, da insistente reiteração das injustiças sociais e do acúmulo de capital e poder em mãos de minorias sempre prontas a apoiarem regimes de força quando os seus interesses começavam a ser ameaçados.

As dinâmicas sociais construídas ao longo da história retratam muito bem as contradições existentes no sistema capitalista, pois as classes dominantes, do capital industrial, do agronegócio e da própria burguesia através de um movimento repressor, se uniam com o objetivo de propor ações que limitassem as conquistas sociais e não houvesse investimentos necessários para uma educação de qualidade. Freire a partir de uma leitura crítica não apenas da educação, começa a pensar e propor uma educação como prática de transformação social através da cultura. Através de sua sensibilidade defendia uma educação que pudesse emancipar os oprimidos, ou seja, que o povo pudesse ter consciência crítica e ser ouvido, para no coletivo buscar formas de transformar sua realidade.

Freire (2003) apresentou a contextualização da sociedade daquela época, desejoso de uma educação que contemplasse o diálogo construído através das experiências e saberes de vida das pessoas, que fosse fundamentada na realidade local, valorizando a cultura e tradições comunitárias, proporcionando maior criticidade no fazer coletivo, com objetivo de oportunizar a sociedade viver uma experiência democrática. Pois, se há um saber que só se incorpora ao

homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático. A nossa experiência para ser democrática precisava se fundar no diálogo.

Freire procurou destacar na sua obra *Educação e atualidade brasileira* alguns princípios fundamentais para pensarmos a educação como prática de libertação do homem, por isso, acreditava na ação dialógica, considerava o contexto histórico social (organicidade da educação), defendia uma perspectiva de ação-reflexão-ação (*práxis reflexiva*) e acreditava que o meio seria a formação da consciência crítica (criticidade).

Romão (2003) destaca que o livro continua atual, pois muitas observações continuam sendo pertinentes a respeito da realidade assistencialista, autoritária e paternalista de nossas relações sociais e da educação “inautêntica” e “inorgânica” que ainda predomina em nosso sistema educacional “bancário”. Preocupação essa que podemos observar ao longo do desenvolvimento de suas ideias pedagógicas e, que infelizmente insiste em se perpetuar em nosso sistema educacional e nas nossas possíveis experiências democráticas.

Para Freire (2003) a organicidade do processo educativo implica a sua integração com as condições de tempo e espaço a que se aplica para que possa alterar ou mesmo mudar essas mesmas condições. O que significa afirmar que sem esta integração o processo se faz inorgânico, superposta e inoperante para alcançar mudanças realmente significativas para democratização da sociedade. Seria inorgânica, superposta, porque sem sintonia com a realidade não possibilita um projeto de educação democrática. Por isso mesmo que a democracia não é especificamente uma “ideia” ou uma “teoria”, mas um “clima cultural”, não sendo possível realizarmos um trabalho educativo democrático verdadeiro a que faltem condições que constituam esse clima. Pois, sem considerarmos este clima, deixamos de envolver o agir educativo, se fazendo ele “inautêntico”, desaparecendo sua operosidade, porque “inorgânico” (FREIRE, 2003, p. 60, grifo nosso).

Segundo Freire (2003, p. 57), “[...] uma verdadeira filosofia da educação não poderá fundar-se apenas em ideias”. É necessário que se identifique com o contexto no qual será aplicado seu agir educativo, tendo consciência crítica dessa realidade em que está inserido, além de compreender valores em transição do contexto histórico social.

É possível perceber que a tarefa do agir educativo, segundo Freire (2003, p.112) é “[...] ajudar a nação brasileira a crescer nessa elaboração. Daí não ser possível uma revisão fragmentária desse agir, mas total, em relação a organicidade com as nossas atuais condições de vida”. O esforço de reformulação do problema de nosso agir educativo no sentido da

democracia se faz duplamente importante, porque nosso agir educativo não deve esquecer ou desconhecer as condições culturais de nossa formação paternalista, vertical e, por tudo isso antidemocrática, não esqueça, sobretudo, das condições atuais de nossa existência histórica.

Um dos aspectos mais importantes do nosso agir educativo, considerando nosso contexto histórico, seria trabalhar no sentido de formar, no homem brasileiro, um especial senso, que chamamos de senso de perspectiva histórica. Pois, quanto mais se desenvolva o senso crítico, mais irá crescer no homem nacional o significado de sua inserção no processo de que se sentirá, então, participante de uma experiência democrática como prática da liberdade, e não mero espectador.

2. A experiência democrática como prática da liberdade

O pensamento de Paulo Freire em *Educação como prática da liberdade* nos possibilita verificar que um dos objetivos é propor uma filosofia de libertação, sendo a educação um instrumento de luta para alcançar a liberdade do povo oprimido. Define sua filosofia de caráter existencial quando afirma que o existir ultrapassa o viver, isso porque é muito mais que estar no mundo, ou seja, estando nele e com ele. Sendo essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. O existir é individual, contudo, só se realiza em relação com outros existires. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir (FREIRE, 1983, p. 40-41, grifo nosso).

É importante destacar que Paulo Freire no seu livro *Educação e atualidade brasileira*, já na introdução, situa o leitor adiantando o que irá trabalhar, sendo que muitas dessas reflexões permaneceram ao longo de sua vida. Já nos dois primeiros capítulos, propõe reconstruir criticamente o contexto brasileiro da época, ou seja, a atualidade mencionada no começo da obra. Assim, vai buscar referências e análises nos intelectuais brasileiros ligados ao ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). No terceiro e último capítulo, Freire se concentra na estrutura da educação brasileira da época, reconhecendo-a como “inautêntica” e “inorgânica” no sentido de não contribuir com a construção de uma consciência crítica que pudesse transformar a massa em povo.

A obra tem início com o prefácio escrito por Francisco Weffort sobre o eixo central da obra, ou seja, a conexão e inseparabilidade entre educação e política. Procurou argumentar em

direção à necessidade de uma pedagogia que privilegiasse a educação para a liberdade, ou seja, educação democrática e conscientizadora. Nesse sentido, buscava-se através de uma educação libertadora que tivesse como base o diálogo, preocupada com a formação da consciência crítica das pessoas. Weffort ainda destaca que foi possível esboçar através do trabalho de Freire, as bases de uma verdadeira pedagogia democrática. Para ele, era possível, além disso, começarmos com um movimento de educação popular, uma prática educativa voltada, de modo autêntico, para a libertação das classes populares, reforçando ainda que podemos encontrar, ao nível da educação uma unidade real da teoria e da ação, entre política e pedagogia, no sentido de formação humana das pessoas.

Em sua obra, Paulo Freire destaca temas fundamentais como à educação democrática, libertadora, educação e sociedades fechadas e/ou abertas, homem crítico e/ou alienado, progressista e/ou reacionário, radical e/ou sectário, ao mesmo tempo que, pela educação busca ampliar sua visão de mundo, de maneira a caminhar em direção à libertação. Esse debate sobre educação libertadora recai sobre a sociedade em transição que nos oferece choques entre algo que se esvazia, mas que pretende preservar-se e algo que emerge, mas busca plenificar-se. Uma sociedade que se faz “fechada”, colonial, escravocrata, sem povo, “reflexa”, antidemocrática, como o ponto de partida de nossa transição (Freire, 1983, p. 65).

Diante do exposto, entendemos que para compreender essa transição, que espera-se ocorra em direção a uma sociedade autônoma e liberta das amarras da opressão, torna-se necessário resgatarmos a visão do ontem, ou seja, de nossa inexperiência democrática. A democracia, segundo Freire, antes de ser uma forma política, se trata de forma de vida, caracterizada sobretudo por uma forte dose de transividade da consciência no comportamento do homem. Transividade que não nasce e desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas comuns, em que o homem participe.

Nesse sentido que o aumento do grau de consciência do ser humano, ou seja, a passagem da consciência intransitiva (ingênua) para a consciência transitiva e crítica (FREIRE, 1983), torna-se fator determinante para o desenvolvimento de uma visão dinâmica do mundo que está em constante transformação. Nesse sentido, podemos compreender o porquê Freire defendia uma educação humanizadora como prática da libertação do homem.

Para Freire (1983, p. 85-90) era necessária uma educação que tentasse de fato a passagem da transividade ingênua à transividade crítica, ampliando e alargando a capacidade

de captar os desafios do seu tempo, armando-os contra os irracionalismos de que os homens eram presas fácil, nessa emersão que fazia, na posição de transitividade ingênua. O ideal seria uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, devendo ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade.

O autor insistia no fato de que nosso problema educacional não é algo que se compreenda na superficialidade, mas apenas em sua totalidade concreta. Entendemos porque somente a partir de uma imersão profunda e orgânica nesta realidade, sem desconsiderar seu contexto histórico social e sua atualidade, podemos vislumbrar não somente as causas do atraso democrático, mas também as alternativas para operar a mudança. A democracia e a educação democrática se fundam ambas na crença do homem, privilegiando que ele não só pode mas deve discutir os problemas relacionados ao seu país, continente, mundo, comunidade, de seu trabalho e também da própria democracia.

A posição do homem em estar com o mundo e não só no mundo, não esgota na sua passividade, não se reduz somente na dimensão de que participa a natural e a cultural. A primeira se refere ao aspecto biológico e já a segunda pelo poder criador, o homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Freire (1983, p. 41) afirma que ao herdar a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo na História e Cultura.

A perspectiva de integração não é acomodação, pois resulta na capacidade de ajustamento à realidade com possibilidade de transformação de seu meio através do princípio de criticidade. À medida que o homem passa a criar, recriar e decidir vai transformando e participando de toda evolução histórica. Infelizmente, o que percebemos dia após dia é que o mundo se divide, o homem simples acaba sendo esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos em que as forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que ao voltar-se contra ele, destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando de sua possibilidade ao lado do medo da solidão, que se alonga como “medo da liberdade”, na justaposição de indivíduos a quem falta um vínculo crítico e amoroso, que a transformaria numa unidade cooperadora, que seria a convivência autêntica FREIRE (1983, p. 44).

Nesse sentido, Freire segue aprofundando os seus conhecimentos político-sociais ampliando os seus interesses antropológicos em relação ao povo brasileiro e à forma como tem sido educado dentro desse panorama. Seu pensamento vai elaborando uma filosofia que propõe uma educação como prática fecunda, que revele, a um só tempo, as razões de nossa inexperiência democrática e as ferramentas para se operar a mudanças em vista de uma autêntica experiência democrática. Daí nosso intuito de entender este fenômeno em seus dois momentos constituintes (a inexperiência e a experiência democrática) e sua relação a *práxis* pedagógica que oportunize aos educandos experimentar uma autêntica democracia como modo de vida.

3. A experiência democrática como modo de vida na *práxis* pedagógica

Na obra *Pedagogia do Oprimido* Freire (2005, p. 23) dedica, nas primeiras palavras de abertura, “[...] aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Podemos perceber que ao fazer isso, adota uma atitude e postura baseadas no encontro com as classes populares através da *práxis* do diálogo, sendo essa uma ferramenta para realizar a leitura crítica da realidade, considerando a voz da sociedade, ou seja, de seus valores e da sua concepção de mundo. O ideal é conscientizar as pessoas de maneira que possam buscar formas para alcançar sua libertação.

Nesse sentido, podemos reconhecer a presença do oprimido e do opressor, de tal maneira que percebemos o convite a nossa libertação, a princípio pela libertação do opressor que habita em cada um, para depois almejarmos uma possibilidade de conseguirmos alcançar a libertação do homem. As reflexões de Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido* nos possibilitam reconhecer que o processo de libertação se revela através da relação entre teoria e prática inovadora, da qual se privilegia a “*práxis* educacional” para a libertação.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão se desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na *práxis*, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a

pedagogia dos homens em processo de permanente libertação
(FREIRE, 2005, p. 46)

A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens, como palavra oca. É *práxis*, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para enfim transformá-lo. A educação libertadora não pode usar-se na consciência espaço e mecânica, mas de corpos conscientes. Não pode ser depósito de conteúdo, mas da problematização dos homens e suas relações com o mundo. A educação problematizadora se faz no esforço do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que, e em que se acham, espera-se que os homens submetidos a dominação lutem por sua emancipação.

A humanização e desumanização são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Sendo que o primeiro nos parece ser a vocação dos homens. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas não seria possível sem a desumanização, pois essa resulta de uma “ordem” injusta que gera violência dos opressores e está, no “ser menos”. Nesse aspecto, o “ser menos” acaba por levar os oprimidos cedo ou tarde, lutar contra quem o fez menos. Sendo que a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos é liberta-se a si e aos opressores. A busca pelo “ser mais” se dá através de uma ação transformadora e superação da situação de opressão. Mas, somente o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos.

Os oprimidos imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, acabam por temer a liberdade, mesmo quando não se sentem capazes de correr o risco para assumi-la. Essa dualidade do que fazer diante da consciência opressora, fazem os oprimidos questionar-se devem expulsar ou não o opressor de dentro de si; entre-se desalienarem ou se manterem alienados; entre seguir prescrição ou terem opções; entre ser espectador ou atores; entre atuar ou ter a ilusão de que atuam pelos opressores; entre dizer a palavra ou não ter voz; castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo.

Este é o trágico dilema dos oprimidos e que, portanto, a pedagogia precisa enfrentar de maneira a superar essa contradição, permitindo ao homem libertar-se. Descobrir-se opressor não significa ainda solidarizar-se com o oprimido, pois é preciso assumir a situação do outro, colocando-se no lugar do outro. Nasce, portanto, a necessidade de que a Pedagogia faça do

opressor e de suas causas objetos de reflexão dos oprimidos, resultando de seu engajamento na luta por sua libertação, pois, descobrir-se “hospedeiro” do opressor pode contribuir para a construção de uma pedagogia da libertação. Diante da problematização dessa realidade educacional torna-se fundamental que se privilegie uma prática dialógica, em oposição à educação bancária, ou seja, para libertação do oprimido e transformação do sujeito social cognoscente deve-se buscar uma “*práxis*” autêntica de ação e reflexão.

A ação libertadora deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência, pois, a libertação dos oprimidos é libertação do homem e não das coisas. A luta pela libertação do oprimido é resultado de sua conscientização. Desde o início da luta pela humanização opressor-oprimido precisam estar convencidos de que a luta exige deles sua responsabilidade total. Os oprimidos precisam encontrar o caminho do amor à vida. O ideal é que se privilegie a prática de uma pedagogia humanizadora, ou seja, que não mantenha os oprimidos na condição de quase ‘coisas’, mas com eles estabeleça uma relação dialógica permanente.

Na prática pedagógica o ideal é que educador em comunhão com os educandos, possam buscar o aprendizado que esteja alicerçado no diálogo, que possam verificar conteúdos que possam ser aproveitados no cotidiano e nas relações com o outro, possibilitando dessa maneira a estruturação de uma atuação que permita ao educando tomar ações reflexivas e críticas diante dos conhecimentos que já possui. Para isso é importante que se problematize a realidade da qual o educando está inserido, buscando temáticas geradoras, contextualizadas, realistas e diversificadas com o currículo e o meio social da qual faz parte. Deve-se buscar contemplar uma educação pelo diálogo, criatividade, reflexão, conscientização e que tenha como objetivo principal a humanização.

Uma educação bancária, narradora, verbalista, como descrita em *Pedagogia do Oprimido*, pouco ou nada tem a ver com o que o autor está sugerindo, já que, ao se referir ao “agir educativo” está pensando no “agir educativo autêntico”. A educação bancária, de tão centrada apenas no primeiro dos polos da relação educador/educando, acaba reproduzindo as condições de dependência, subserviência e, portanto, inautenticidade da prática educativa. Inautêntica porque não critica, inautêntica porque reproduz esse modelo.

Cada agir educativo autêntico é uma postura crítica em relação à estrutura desumanizante e antidemocrática. Cada um destes pequenos atos traz o germe da nova sociedade, por isso é também uma manifestação de poder, uma denúncia. Cada um deles cria

não só a imagem do homem e da educação que queremos, mas instaura também um valor, estimula novas práticas, contamina aqueles(as) que dele se beneficiam. O meu agir educativo é autêntico quando não apenas ensino a respeito das diferenças, mas quando as vivencio na própria relação dialógica com meus educandos. Todo agir é educativo, mas nem todo agir educativo é autêntico. É também um agir educativo o agir de um adulto que desrespeita uma lei de trânsito enquanto dirige com uma criança que ao seu lado o observa atentamente. É um agir educativo o agir de um pai que agride a mãe na presença dos filhos. Cada um destes atos também instaura uma imagem de homem, de educação e de sociedade, cada um deles revela uma prática antidemocrática que instrui, ensina, molda uma futura atitude. Um governante autoritário, que instiga a intolerância e o preconceito não somente em seu discurso, mas também em sua prática, é perigoso sobretudo porque cria um valor e uma imagem de homem inautêntico. É perigoso porque embora esteja na posição privilegiada de quem educa, não tem consciência do alcance e influência de seus atos educativos inautênticos e antidemocráticos.

Nesse sentido, cabe destacar as duas concepções e práticas da educação bancária e da educação problematizadora. Sendo que a primeira concepção os educadores vão enchendo os educandos de falso saber como se fossem bancos, nega o diálogo, assistencializa, serve a dominação, inibe a criatividade, domestica, nega aos homens sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. Já na segunda concepção, o educando vai desenvolvendo sua relação com o mundo em transformação problematizando, tem no diálogo o ato desvelador da realidade, criticiza, serve a libertação, funda-se na criatividade, estimula a reflexão e ação, busca da transformação criadora.

Ao reconhecermos o papel que a escola desempenha na vida das pessoas, percebemos que não é a única responsável pelas transformações sofridas pela sociedade ao longo da história, pois em diversas situações acaba-se por perpetuar estruturas sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais da classe dominante, o que por sua vez dificulta sua própria transformação. Na perspectiva defendida sobre educação que seja reflexo da ação cultural para a liberdade. Paulo Freire defende que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita de educação” (1991, p. 84, apud Gadotti).

Freire ao propor uma educação que não se limite ao nível escolar, mas também, de nossa comunidade local, regional, nacional e global, na qual se possa privilegiar a inserção dos sujeitos e, por isso mesmo, a importância de valorizarmos as experiências e vivências cotidianas

das pessoas como meio de transformação que atenda às necessidades e particularidades da sociedade, além é claro de especificidades culturais, políticas, sociais e educacionais que interferem diretamente na construção de experiências democráticas.

Não podemos deixar de considerar que as reformas educacionais e da própria sociedade caminham juntas e fazem parte do mesmo processo. Nessa perspectiva, a importância de compreendermos que o homem é um ser histórico, capaz de construir experiências de vida e participar efetivamente no mundo ao seu redor. É fundamental não esquecer que para Freire o mundo a que se refere, trata-se do imediato de cada pessoa, onde se realizam suas vivências.

A educação comprometida com a democratização contribui para a valorização de vivências comunitárias de diferentes grupos sociais, sendo que através do diálogo pode-se oportunizar a participação efetiva das pessoas na construção de uma sociedade mais justa e democrática para todos. O próprio desenvolvimento da autonomia das pessoas na tomada de decisões, implica no que o educador Paulo Freire defendia ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2005, p. 78).

O autor denuncia, com esta percepção, todo tipo de educação que, ao fragmentar o saber e as ações, separa também a sociedade em que ela se encontra, promovendo desigualdade, justificando preconceitos e legitimando relações de dependência e subserviência. Em poucas palavras, gerando um ambiente antidemocrático. Nesse sentido, há a importância de buscarmos uma educação conscientizadora, que seja, crítica diante do modelo de educação escolar “[...] desvinculada da vida, autoritariamente verbal e falsamente humanista, em que nos desnutrimos” (FREIRE, 2003, p. 12). O foco da crítica encontra-se na percepção de uma escolarização falha, vertical, autoritária, pautadas nas raízes culturais que refletem diretamente na nossa inexperiência democrática. O centralismo, por sua vez, quase sufocante, desestabiliza as relações entre o processo educativo e a ação pedagógica.

Segundo Freire, o problema educacional não é coisa que se enfrente e se compreenda se ficarmos na superficialidade, observando com o olhar do técnico, que espera soluções imediatistas. “O problema educacional brasileiro, de importância incontestavelmente grande, é desses que precisam ser vistos organicamente” (FREIRE, 2003, p. 9).

A noção de organicidade na obra do autor remete à ideia de integração, de unidade, totalidade, contextualização dos saberes na prática educativa. Remete à conscientização crítica do educando, ao conhecimento, apreensão e leitura do seu mundo e do seu lugar no mundo, de

seu lugar na sociedade e, mais do que isso, de seu compromisso histórico na construção da democracia. A organicidade a que se refere, requerida para o estudo da nossa atualidade, ultrapassa e rompe as dicotomias tão características do saber tradicional (teoria/prática, homem/mundo, educador/educando, etc.).

Ao esboçar essa discussão logo percebemos as razões de sua proposta educacional ser em grande medida, considerada subversiva, marginal, clandestina, ameaçadora e, conseqüentemente, inviável para atender aos interesses mercadológicos. É uma proposta que, ao mesmo tempo, em todas as modalidades e fases de sua constituição, faz a denúncia da estrutura desumanizante e o anúncio da estrutura humanizante. A denúncia que revela as razões de nossa inexperiência democrática e o anúncio de uma nova sociedade. Uma educação que se coloca no difícil lugar de transição, que instaura uma crise, que rompe com um paradigma, que se constitui numa espécie de pedagogia do conflito, como afirma Moacir Gadotti (1995). Uma educação, por isso mesmo, comprometida, utópica e esperançosa, como Freire afirma em *Conscientização*.

Considerações finais

Como resultado deste estudo até aqui, chegamos no entendimento de que abordar sobre a importância da experiência democrática na *práxis* educacional nos possibilita refletir melhor a concepção freiriana ao afirmar que o problema educacional não é coisa que se enfrente e se compreenda se ficarmos na superficialidade, observando com o olhar do técnico, que espera soluções imediatistas. O autor denuncia que toda educação que fragmenta o saber e as ações separa também a sociedade em que ela se encontra, promovendo desigualdade, justificando preconceitos e legitimando relações de dependência e subserviência. Em poucas palavras, gera um ambiente antidemocrático.

Nesse sentido a importância de buscarmos uma educação conscientizadora, que não seja “[...] desvinculada da vida, autoritariamente verbal e falsamente humanista, em que nos desnutrimos” (FREIRE, 2003, p. 12). Por isso, se almejamos uma sociedade democrática, então, não podemos ficar apenas a exigir dos outros, a esperar passivamente que alguém (um governante, um filantropo, um grande empresário, as igrejas, etc.) a construa para nós. Estamos incomodados com o patriarcalismo, o autoritarismo, o mandonismo, o coronelismo, o fascismo, o machismo, a homofobia, a misoginia e todos os outros comportamentos inautênticos que

marcaram e marcam nossa sociedade. Mas apenas ficar incomodado, na perspectiva de Freire, ainda é pouco. O autor adverte que, antes disso é preciso que nos incomodemos com esse “simples incômodo”, essa “simples indignação”.

A experiência democrática no contexto da minha família começa com a minha própria experiência democrática. A experiência democrática, a autonomia e a emancipação dos meus alunos começam com a minha própria autonomia, emancipação e com o cumprimento daqueles deveres a que o autor se refere em *Pedagogia da autonomia*.

Desejosos do anúncio da “boa nova” nos esquecemos de que não existe um caminho pronto, uma receita, uma resposta. O caminho, a receita e a resposta existem apenas como possibilidades, que só se efetivarão se nós os construirmos juntos – numa autêntica experiência democrática comum a todos. Por isso Freire, em muitas passagens de suas obras, está chamando a atenção, sobretudo dos educadores, para a importância de tomarem conta de sua parcela de responsabilidade na construção da educação que tanto almejam. Em *Pedagogia da autonomia* (2003) fala muitas vezes de um “dever do educador”, de “condições que exigem” uma tomada de atitude. A partir desta obra entendemos claramente como o educador é “moldado” na *práxis* educacional autêntica, de cuja historicidade ele próprio é responsável.

Como conclusão, ainda parcial da pesquisa podemos aludir ao fato de que a educação pode sim contribuir para uma experiência democrática, mas somente quando consideramos uma postura teórica, prática e metodológica que se traduza em verdadeira experiência democrática, em um modo de vida político, cidadão, justo e criador, gerador de outros atos educativos, fecundos e significativos. Para aprendermos e ensinarmos a democracia é fundamental que tenhamos experiências democráticas em nossas relações sociais, políticas, econômicas, culturais etc., e que possamos vislumbrar uma educação democrática como prática possível, viável, legítima, inspiradora. Devemos nos desafiar a produzir e promover democracia nos espaços escolares através de *práxis* pedagógicas significativas.

Obras consultadas

BRANDÃO, Carlos. *Paulo Freire: uma vida entre aprender e ensinar*. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

FREIRE, Patrocínio Solon. *Pedagogia da Práxis: o conceito do humano e da educação no pensamento de Paulo Freire*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *Educação e atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. *Convite a leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

_____ **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez. Instituto Paulo Freire, 1995.